



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um depoimento da irmã de Ariel Lubliner Bessa

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ORIENTE MÉDIO

Militar brasileiro morre no sul de Gaza

O major-general Ariel Lubliner Bessa, 34 anos, teria sido atingido por disparo acidental de arma do colega no front. Ministro da Defesa de Israel lamenta morte. Irmã fala ao **Correio** e conta que ele viria de férias ao Brasil na sexta-feira

» RODRIGO CRAVEIRO

Álbum de família



Ariel Lubliner em foto tirada em treinamento militar nas Forças de Defesa de Israel

Instagram



O paulista vivia em Israel desde os 19 anos e foi convocado em 7 de outubro de 2023

Depois de dois meses de combates na Faixa de Gaza, o major-general brasileiro Ariel Lubliner Bessa, 34 anos, terminaria hoje mais uma das missões na reserva, antes de viajar de férias para o Brasil com a mulher, a espanhola Barbara, e o filho, Lior, de apenas 9 meses. Mas os planos da família foram tragicamente interrompidos em Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza. Ariel foi morto em um provável incidente de “fogo amigo”, depois que a arma de um colega de farda teria disparado acidentalmente, na tarde de sexta-feira. O incidente está sob investigação das Forças de Defesa de Israel (IDF).

Israel Katz, ministro da Defesa israelense, utilizou a rede social X para homenagear o brasileiro. “Em nome de todo o setor de defesa, envio minhas profundas condolências à família do falecido major-general (da reserva) Ariel Lubliner, um soldado do Grupo Logístico 6036, que morreu no sul da Faixa de Gaza”, escreveu. “Ariel, que imigrou para Israel por amor ao país, foi convocado para a reserva em 7 de outubro de 2023 e, desde então, trabalhou de forma devotada para defender o Estado de Israel”, acrescentou, sem fazer menção ao fato de que Ariel nasceu no Brasil. “Gostaria de abraçar sua família neste momento difícil. Que sua memória seja abençoada”, concluiu.

Porta-voz das Forças de Defesa de Israel (IDF), Rafael Rozenszajn disse ao **Correio** que “a dor da perda é imensa” e declinou um pedido de entrevista. “Em respeito à família não há o que ser dito nesse momento”, comentou. A terapeuta ocupacional

Priscila Lubliner Bessa, 36, irmã de Ariel, contou ao **Correio** que a família ainda está “anestesiada” após receber a notícia da morte. “A gente sabe que isso acontece, mas nunca imagina que acontecerá com a gente. Está muito complicado e difícil de processar e conversar sobre isso. O Ariel sempre foi uma pessoa muito especial, ele é especial. Não consigo falar no passado, porque, para mim, ele sempre esteve presente na nossa vida. Mesmo morando em Israel, a gente sempre conversou muito”, disse, emocionada.

Segundo Priscila, Ariel nasceu em Santo

André (SP), onde viveu até os 19 anos, quando mudou-se para Israel. “Ele fez o Exército por um ano e meio. Para ele, era muito importante defender Israel. Sempre estudamos em escola judaica e éramos ligados ao judaísmo, ao sionismo e a Israel. Para ele, fez muito sentido estar lá neste momento”, comentou.

Ainda segundo Priscila, o irmão era uma pessoa muito íntegra e de muitos amigos. “Foi aniversário dele em 23 de agosto, ele estava bem feliz. Casou-se havia sete anos e seguia a vida dele. Ariel foi convocado para as IDF em 7 de outubro de 2003

e comentava um pouco com a gente o que fazia e como a guerra impactava a saúde mental dele. Na sexta-feira, ele viria ao Brasil para conhecermos o Lior, que nasceu em Israel. Não temos muitas informações sobre o que aconteceu exatamente. Fomos pegos de surpresa. Acredito que deve ter sido ‘fogo amigo’, mas estão investigando as circunstâncias do incidente. É uma situação muito complicada.” O corpo de Ariel será sepultado em Kiriath Bialik (norte), onde morava com a família. Os pais do brasileiro, que também tinha cidadania israelense, embarcaram ontem para Israel.

Guerra

Ao finalizar um curso de MBA em relações internacionais, Ariel trabalhava na área. “O que mais me dói é saber que o filho dele vai crescer sem a presença física do pai. Ele estava sendo um ótimo pai, marido e irmão. É muito difícil. A ficha está caindo aos poucos. Ariel era engraçado e feliz. É horrível isso. A guerra não é boa para ninguém, temos que lutar pela paz e pensar que os dois Estados têm que coexistir de alguma forma. A guerra só traz desgraça e tristeza”, desabafou Priscila.

Mohammed Huwais/AFP



Iemenitas brandem armas e adagas durante manifestação contra Israel, em Sanaa

UCRÂNIA

Ex-líder do Parlamento é assassinado

Andriy Parubiy era um homem respeitado pelos ucranianos por seu protagonismo durante a Revolução Laranja, em 2004, e a Revolução de Maidan, em 2014. Durante a Euromaidan, manifestantes exigiram a aproximação da Europa e a independência em relação a Moscou. Eles conseguiram expulsar do poder o presidente ucraniano pró-Rússia, Viktor Yanukych, forçado a fugir para a Rússia, no mesmo ano. Aos 54 anos, o ex-presidente do Parlamento da Ucrânia (2016-2019) foi assassinado a tiros, ontem, em Lviv (oeste), em circunstâncias não reveladas pela Procuradoria-Geral do país. Tudo o que se sabe é que Parubiy foi alvo de vários disparos. O criminoso conseguiu fugir. A emissora pública Suspilne informou que o assassino estava disfarçado de entregador e utilizava uma bicicleta elétrica.

O nome de Parubiy estava na lista de dezenas de milhares de pessoas procuradas pelas autoridades russas, entre autoridades ucranianas e personalidades da Rússia ou do Ocidente. Em sua última publicação na rede social X, em 24 de agosto,

o político comemorou o Dia da Independência da Ucrânia. “Estamos lutando pela nossa independência. Sempre foi assim e sempre será. E hoje a Ucrânia comemora. Com orgulho e confiança. Com alegria e força. Permanecemos fortes. Lutamos. Venceremos! Glória à Ucrânia!”, escreveu.

O presidente Volodymyr Zelensky condenou o “assassinato horrendo” de Parubiy e prestou condolências à família do morto. “Todas as forças e meios necessários estão envolvidos na investigação e na busca pelo assassino”, declarou. Ele garantiu que o crime foi “planejado meticulosamente”, mas não apresentou evidências. Kirilo Budanov, chefe da inteligência militar ucraniana, também sugeriu que o deputado foi “assassinado pelas balas do inimigo”, termo geralmente utilizado para designar a Rússia.

Olexiy Haran, professor de política da Universidade de Kiev-Mohyla (em Kiev), conhecia Parubiy pessoalmente. “Ele teve um importante papel durante a Revolução da Maidan (onda de manifestações entre 2013 e 2014). Depois, tornou-se secretário

do Conselho de Segurança e Defesa da Ucrânia. Também presidiu o Parlamento do país. Era um patriota, uma pessoa muito modesta e de fácil conversa. Eu me lembro que, na década de 1990, ele era muito radical, mas evoluiu e tornou-se bastante equilibrado e sábio”, afirmou ao **Correio**. “Para Parubiy, a Ucrânia não era apenas uma palavra, mas ele estava pronto para se sacrificar por ela.”

Segundo Haran, analistas políticos ucranianos não descartam o envolvimento da Rússia no assassinato de Parubiy. “Mas as investigações estão em andamento e prefiro não especular”, disse. O jornalista Sergii Ieshchenko, deputado quando Parubiy presidiu o Parlamento, acusou o Kremlin. “Minha leitura é a de que foi uma operação russa para punir líderes da opinião pública ucraniana que têm feito muito para cristalizar a identidade nacional ucraniana”, opinou ao **Correio**. Ieshchenko elogiou o ex-colega. “Parubiy era muito profissional. Trabalhou por quase 20 anos no Parlamento. Como pessoa, era gentil e patriota.” (Rodrigo Craveiro)

Genya Savilov/AFP



Andriy Parubiy, em foto de 2018: protagonismo em duas revoluções históricas